

A Igreja – Parte 1

“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.”

Mateus 16:18

Existem muitas igrejas que se autodenominam como sendo cristãs, com diversos nomes e defendendo diferentes tipos de crenças no que tange aos ensinamentos de Jesus e dos seus apóstolos. Quando consideramos essas diferenças de ponto de vista, não nos parece descabido perguntar o que a Bíblia nos diz sobre o que a igreja realmente é e qual é o propósito divino a respeito dela. Existe alguma maneira de saber qual é a verdadeira igreja, ou será que todos os grupos denominacionais juntos constituem a verdadeira igreja?

A palavra “igreja” não aparece no Antigo Testamento, e seu primeiro uso no Novo Testamento ocorreu por Jesus quando ele disse a Pedro, conforme observado em nosso versículo inicial, que as “forças da morte” não prevaleceriam contra ela. Neste versículo, a palavra “igreja” é uma tradução da palavra grega “ekklesia”, que significa “uma convocação” ou uma seleção. Jesus disse aos seus discípulos: “Eu vos escolhi do mundo” (João 15:19). Essencialmente, a igreja é um grupo de pessoas que, ao aceitar o convite de Cristo, se separaram do mundo.

A igreja não é um edifício, embora a palavra igreja seja frequentemente usada para designar o local onde uma congregação se reúne. Se a expressão “casa de reunião” fosse mais universalmente usada para descrever o local de reunião de uma congregação, isso poderia ajudar a diminuir alguns dos mal-entendidos que prevalecem a respeito do verdadeiro significado da própria palavra igreja.

No ministério de Jesus, ele usou a palavra igreja somente três vezes. Uma vez foi na sua observação feita a Pedro; e duas vezes em outra ocasião, ao instruir os seus discípulos sobre o procedimento adequado para lidar com os mal-entendidos que pudessem surgir entre eles. (Mateus 18:17). A próxima vez em que a palavra aparece é em Atos 2:47, após o relato dos três mil que aceitaram Cristo por causa do sermão de Pedro no Dia do Pentecostes. É uma afirmação simples, dizendo apenas que “o Senhor acrescentava diariamente à igreja aqueles que estavam sendo salvos”.

Nessa simples declaração factualmente, há espaço para reflexão. Somente no Dia do Pentecostes, três mil pessoas passaram a ser identificadas com a “igreja”, e a partir de então “diariamente” houve novos convertidos; no entanto, não há registro de nenhum serviço formal de iniciação além do batismo nas águas. Todos estes convertidos eram judeus. Quando, sob o ministério persuasivo do apóstolo, reconheceram que Jesus, a quem seus líderes haviam crucificado, era de fato o Messias prometido, creram nele e foram batizados.

Era tão simples quanto isso! Mais tarde, à medida que o número de discípulos aumentava e eles se reuniam para edificação mútua, esses grupos de

peçoas passaram a ser chamados de igrejas. Em Atos 11:22, lemos sobre “a igreja que estava em Jerusalém”. Em Romanos 16:5, Paulo envia saudações à “igreja que está na casa deles”, ou seja, a casa de Priscila e Áquila.

A partir desses textos, percebemos que, naqueles primeiros dias do cristianismo, cada grupo de crentes, independentemente do seu tamanho e localização, era considerado como uma igreja. De fato, era uma igreja, porque cada uma destas assembleias de crentes era composta por aqueles que, pelo evangelho, haviam sido chamados a se separar do mundo e a seguir os passos de Jesus.

Esses grupos individuais não tinham nomes denominacionais. Eram identificados pela sua localização, sendo referidos como a igreja em Jerusalém, a igreja em Filipos, a igreja em Roma ou, em alguns casos, a igreja que realizava suas reuniões na casa de um ou outro dos crentes.

No Apocalipse, capítulos 2 e 3, sete igrejas são mencionadas e identificadas pelas cidades em que estavam localizadas, e mensagens especiais eram são enviadas. Há motivos para acreditar que essas sete igrejas são, simbolicamente, representativas de todos os crentes no decorrer de vários períodos, começando no Pentecostes e continuando até o presente. Esse é outro uso, mais amplo, da palavra igreja, como descritiva de todos, em todos os lugares, a quem o Senhor considera como tendo sido chamados para fora do mundo para servi-lo e à sua causa.

Jesus tinha em mente um significado amplo e generalizado quando disse a Pedro que os “poderes

da morte” não prevaleceriam contra a igreja. É essa a aplicação também que é feita por Paulo em Efésios 1:22,23, quando ele fala de Cristo como sendo a “Cabeça sobre todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo”. É nesse sentido que Paulo escreve novamente sobre a “igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”. 1 Timóteo 3:15

Em 1 Coríntios 12:12,13, Paulo aprofunda a ideia de que a igreja é o “corpo” de Cristo. Ele diz: “O corpo humano tem muitas partes, mas todas elas formam um só corpo. Assim também acontece com o corpo de Cristo. Alguns de nós somos judeus, outros são gentios, alguns são escravos e outros são livres. Mas todos nós fomos batizados em um só corpo por um só espírito, e todos compartilhamos o mesmo espírito.”

Como se filiar

Como alguém se torna um membro em potencial da igreja — isto é, da igreja que foi estabelecida por Jesus e pelos apóstolos? Atos 2:47, citado anteriormente, diz que “o Senhor incluía diariamente na igreja aqueles que estavam sendo salvos”. Isso indica que tornar-se membro da igreja do Senhor depende dele. Acreditamos que isso seria permitido a todos os cristãos. Mas como, exatamente, o Senhor inclui membros na sua igreja, e que tipo de qualificações eles são necessários para ser reconhecido pelo Senhor como pertencente à sua igreja?

Resumidamente, as Escrituras indicam que os passos para se aproximar da igreja são, em primeiro lugar, o reconhecimento arrependido do fato de que somos membros de uma raça amaldiçoada pelo

pecado e moribunda e que, portanto, não poderíamos nos posicionar perante Deus por nossa própria justiça. (Isaías 64:6; Marcos 2:17; Atos 26:20). Em seguida, vem a aceitação de Jesus Cristo como nosso redentor e Salvador pessoal, percebendo que somente pelo valor de seu sangue derramado podemos ser aceitos por Deus. Atos 13:38,39; 16:31; Romanos 3:21-23; 5:1

Então, de acordo com a nossa confiança no mérito do sangue derramado do Redentor, somos convidados a nos apresentar em devoção incondicional para fazer a vontade de Deus. Poderíamos nos referir a isso como fazer uma “consagração” de nós mesmos a Deus. Vamos enfatizar que essa consagração é feita a Deus, não ao homem, nem a qualquer organização terrena.

A Bíblia é muito explícita quanto ao que a consagração significará em nossas vidas. Jesus disse: “Se alguém quiser vir após mim [ser meu discípulo], negue-se a si mesmo, tome a sua cruz diariamente e siga-me.” (Lucas 9:23). Negar-se a si mesmo não significa meramente abrir mão de algum prazer ou satisfação insignificante por um curto período de tempo, ou até mesmo para sempre. Trata-se, ao contrário, exatamente como a expressão indica, de uma completa negação de si mesmo. É a mesma palavra que Jesus usou quando ele previu que Pedro negaria três vezes que o conhecia (Mateus 26:33,34). Assim, negar-se a si mesmo é privar-se completamente do direito de reconhecer a nossa própria vontade e aceitar, em vez disso, a vontade de Deus, tal como expressa por meio de Cristo e das Escrituras.

Qual é a vontade divina para aqueles que, respondendo ao convite de Jesus, negam totalmente a si mesmos? Ela se expressa no seu convite adicional para que tomem a sua cruz diariamente e o sigam. Jesus usou o simbolismo de carregar a cruz para denotar o caminho para a morte. Quando Jesus fez esse convite, ele próprio estava entregando sua vida em sacrifício. Seu sacrifício foi consumado no Calvário quando ele clamou: “Está consumado.” João 19:30

Aqueles que aceitam o convite de Cristo para tomar sua cruz e segui-lo, da mesma forma, entregam as suas vidas em forma de sacrifício. Nem todos são literalmente crucificados, embora no início da era cristã alguns de fato foram. Muitos sofreram o martírio de outras maneiras. No caso de todo seguidor do mestre, porém, a disposição de servir e sofrer independentemente das consequências deve estar e estará presente.

Essa questão de seguir os passos de Jesus é descrita por Paulo como “plantados juntamente na semelhança da sua morte” (Romanos 6:5). Antes de nos voltarmos para Cristo, estávamos “mortos em transgressões e pecados” (Efésios 2:1). No entanto, através da fé obediente no mérito do seu sangue derramado, somos libertos da condenação adâmica. No entanto, morremos; não como pecadores, mas como co-sacrificadores com Jesus. Paulo expressou esse pensamento quando escreveu: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” Romanos 12:1

Batizados em Cristo

Em Romanos 6:3,4, Paulo escreveu: “Não sabeis que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, portanto, sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andaremos rejuvenescidos nas nossas vidas.” O batismo aqui referido não é na água, mas em Cristo e na sua morte.

A palavra batismo no Novo Testamento é traduzida de uma palavra grega que significa “enterrar” ou “submergir”. Nosso batismo em Cristo é o enterro de nossa vontade na vontade dele. É um batismo de morte porque é a vontade de Deus que devemos morrer com ele.

Em Apocalipse 20:4, esse pensamento é simbolizado usando a palavra “decapitados”. Aqui lemos sobre aqueles que são “decapitados pelo testemunho de Jesus e pela Palavra de Deus”. Isso não se refere a uma decapitação literal, mas à renúncia à nossa vontade, representada por um símbolo, a cabeça, e à aceitação de Cristo como nossa Cabeça. Efésios 5:23; Colossenses 1:18

Paulo aprofunda ainda mais este ponto, dizendo: “Pelo mesmo espírito fomos todos batizados em um só corpo” (1 Coríntios 12:13). É pela influência do espírito santo, por meio da Palavra da Verdade, que somos atraídos para o Senhor e conduzidos por seu amor a nos apresentarmos em plena consagração a ele. Visto que a consagração significa renunciar à nossa própria vontade e aceitar a vontade de Deus em Cristo, Jesus torna-se assim nossa Cabeça, e

nós nos tornamos membros da igreja, que é o seu corpo, se formos fiéis à nossa posição diante de Deus, mesmo até a morte. Apocalipses 2:10

Assim, vemos como é que Deus, através do poder do seu Espírito, inclui membros em potencial à igreja de Cristo. Nossa participação nisso, como indivíduos, é meramente render-nos à influência do seu Espírito e dar os passos que a Palavra divina indica; isto é, os passos do arrependimento, da aceitação de Cristo e da entrega de nós mesmos em plena consagração para fazer a vontade de Deus.

Será que, depois de darmos estes passos, podemos saber se Deus nos aceitou e nos reconhece como membros provisórios da igreja, o corpo de Cristo? Acreditamos que sim. Paulo disse, em um texto já citado anteriormente, que, tendo sido “sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida”. (Romanos 6:4). Estamos caminhando com alegria em “novidade de vida”?

Paulo também escreveu: “Se alguém está em Cristo, é a nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que todas as coisas se tornaram novas.” (2 Coríntios 5:17). Será que as coisas antigas pertencentes aos “tempos passados” de nossas vidas já passaram, no sentido de que não exercem mais nenhuma atração real sobre nós? (Efésios 2:3). Encontramos nossas maiores alegrias nas coisas novas do Senhor — nossa nova vocação de serviço divino — nossas novas esperanças, novos objetivos, novas ambições?

Tendo dado este passo de consagração total ao Senhor, nossos antigos amigos e parentes podem não nos compreender. Em alguns casos, podem até nos perseguir. De qualquer forma, não irão encontrar em nós o mesmo grau de companheirismo, pois não estarão em harmonia com o nosso novo modo de vida. Não os amaremos menos, nem deixaremos de fazer tudo o que pudermos por eles, mas aprenderemos que os caminhos do mundo e os caminhos dos homens consagrados de Deus estão frequentemente muito distantes. Estamos tendo essa experiência?

Paulo escreveu novamente: “O que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem sequer subiu ao coração do homem, são as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam.” Em seguida, ele acrescenta: “Deus nos revelou essas coisas pelo seu espírito; pois o espírito sonda todas as coisas, sim, as coisas profundas de Deus.” 1 Coríntios 2:9,10

O Senhor está nos conduzindo, dia após dia, a uma apreciação mais profunda das maravilhosas verdades contidas na sua Palavra? As “coisas profundas” sobre a sua Palavra, referente ao nosso chamado em Cristo Jesus, são compreendidas com mais clareza à medida que buscamos conhecer e fazer a sua vontade? Se assim for, temos uma evidência adicional de que ele aceitou nossa consagração e está nos conduzindo pelo caminho da justiça.

O próprio Jesus nos dá uma garantia muito clara de nossa posição diante de Deus. Primeiro, ele declara: “Aquele que vem a mim, de modo algum o lançarei fora.” (João 6:37). Ele continua alguns versículos

depois, dizendo: “Ninguém pode vir a mim, a menos que o Pai, que me enviou, o traga.” (versículo 44). Se sentimos o poder de atração de Deus através de Cristo, que outro tipo de garantia adicional precisamos além desta?

De fato, a nossa alegria nas coisas espirituais do novo modo de vida que estamos trilhando; nossa perda de interesse pelas coisas antigas da carne e do mundo; uma certa dose de incompreensão, e talvez até de perseguição, por parte do mundo; nossa apreciação crescente pelas coisas espirituais, particularmente no que se refere ao nosso chamado celestial — tudo isso são evidências de que nossa consagração foi aceita por Deus e de que fomos de fato “batizados” em Cristo.

Batismo na Água

A questão do batismo na água surge naturalmente, e com razão, pois o próprio Jesus foi batizado na água, e devemos seguir os seus passos. Qual é o propósito do batismo na água? João Batista batizava para o arrependimento. (Mateus 3:11). Ele não conseguia entender por que Jesus pediu o batismo, pois sabia que Jesus não era pecador, mas sim o santo e justo. Mateus 3:13-15; Hebreus 7:26

O batismo de João se aplicava somente aos membros da nação judaica. Ele simbolizava o retorno deles à aliança com Deus sob a qual Ele estava lidando com toda a nação — a aliança feita no Monte Sinai. O batismo de João também tinha o objetivo de preparar os judeus para receberem seu Messias, Cristo Jesus, quando o ministério dele começasse mais para frente. Marcos 1:4,5; Lucas 1:13-17; Atos 13:24,25

Jesus não foi batizado para o arrependimento do pecado. Ao pedir a João que o batizasse, ele simplesmente disse: “Deixa por enquanto; pois assim nos convém cumprir toda a justiça.” (Mateus 3:15). É o exemplo de Jesus que seguimos em nosso batismo nas águas. Para ele, era um símbolo da sua aliança ao morrer sacrificialmente e da sua esperança, se fosse considerado fiel, de ser ressuscitado dentre os mortos.

A imersão na água ilustra esses dois pensamentos com muita precisão. Quando alguém é mergulhado na água pelo batizador, esta pessoa fica indefesa nas suas mãos e permaneceria submerso, como na morte, a menos que fosse levantado para fora da água. Assim, na nossa consagração, nos entregamos para morrer com Cristo, inspirados pelas promessas de Deus de que seremos ressuscitados na ressurreição, assim como Jesus foi, para nos associarmos a ele na grande obra futura de seu reino. Romanos 6:4,5; Filipenses 3:10,11

O batismo na água, então, é um belo símbolo do nosso verdadeiro batismo em Cristo. Não é essencial no sentido de ser uma ordenança salvadora. No entanto, uma vez que aqueles que são devidamente elegíveis para a imersão na água renunciaram à sua própria vontade e fizeram uma aliança para cumprir a vontade do Senhor, eles reconhecerão que isso faz parte da vontade do Senhor para eles e o cumprirão de bom grado. Qualquer outra atitude indicaria algo menos do que um amor total pela vontade de Deus.

Organização da Igreja

As Escrituras não indicam que os diversos grupos locais de chamados naqueles primeiros anos do cristianismo tivessem acordos organizacionais elaborados, nem a Bíblia ensina que esse fosse o desígnio de Deus para a igreja. No entanto, os discípulos daquela época não estavam desprovidos de alguma organização. Suas reuniões não eram desordenadas, e vários privilégios de serviço eram atribuídos a diferentes pessoas de acordo com suas diversas habilidades. Mateus 25:15; 1 Coríntios 14:40; 2 Tessalonicenses 3:6,7; Tito 1:5

Na organização da Igreja Primitiva, Jesus era universalmente reconhecido como a Cabeça. Isso estava de acordo com as próprias instruções de Jesus aos seus discípulos, quando disse: “Um só é o vosso mestre, a saber, Cristo; e todos vós sois irmãos.” (Mateus 23:8). Paulo escreveu: “Cristo é a cabeça da igreja; e ele é o Salvador do corpo.” (Efésios 5:23). Em 1 Coríntios 11:3, ele apresenta o mesmo pensamento, dizendo que “a cabeça de todo homem é Cristo; ... e a cabeça de Cristo é Deus.”

Jesus não é apenas a Cabeça da sua igreja, mas também é o seu fundamento. “Ninguém pode colocar outro fundamento”, escreveu Paulo, “além daquele que já foi colocado, que é Jesus Cristo, o Cristo.” (1 Coríntios 3:11). Os membros da igreja também são chamados de “a família de Deus”, que é declarada como “edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Jesus Cristo a pedra angular”. Efésios 2:19,20

O apóstolo Pedro escreveu: “Por isso também está escrito na Escritura: ‘Eis que ponho em Sião uma

pedra angular, escolhida e preciosa; e quem nela crer não será confundido”. (1 Pedro 2:6). Em Apocalipses 14:1-4, o apóstolo João também afirma que Jesus é a “pedra angular” em Sião — a igreja na sua íntegra. Isso é especialmente digno de observação considerando o mal-entendido que tem sido atribuído à declaração de Jesus: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja.” Mateus 16:18

Esta afirmação tem sido mal interpretada como se Pedro fosse a “rocha” sobre a qual a igreja de Cristo seria edificada. No entanto, essa interpretação se revela de modo equívoca quando descobrimos que Jesus usou duas palavras gregas diferentes ao fazer a declaração. Quando ele disse: “Tu és Pedro”, a palavra grega traduzida como Pedro é “petros”, que significa “pedaço de rocha”. No entanto, quando disse: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja”, ele usou a palavra grega “petra”, que significa uma “massa de rocha”, uma pedra enorme, por assim dizer.

Pedro acabara de dizer a Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16). Jesus ficou satisfeito com essa confissão. Podemos parafrasear sua resposta a Pedro para deixar o significado um pouco mais claro: “Pedro, seu nome significa que você é um pequeno pedaço de rocha — uma pedrinha, por assim dizer. Em comparação com o significado do seu nome, o grande fato de eu ser o Messias e de ser o Filho de Deus é como uma grande massa de rocha — uma grande pedra — e a igreja será construída sobre mim como seu alicerce.”

Na edição do próximo mês da Revista A Aurora, abordaremos o tema “A Igreja”. Entre os tópicos importantes a serem discutidos estão: o papel dos doze apóstolos e de outros servos da igreja; a missão da igreja; e as fases celestiais e terrenas do plano de Deus para a salvação de toda a humanidade por meio de Cristo.